



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 3

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-071-1
DOI 10.22533/at.ed.711192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O EDUCAR PARA A VIDA: PONTOS DE DESENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO E A VIDA EM DALCÍDIO	
Idalina Ferreira Caldas José Valdinei Albuquerque Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.7111925011	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM FELIZ ANO NOVO E O OUTRO, DE RUBEM FONSECA	
Thalita de Sousa Lucena Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7111925012	
CAPÍTULO 3	18
O ETHOS DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU	
Giovanna de Araújo Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7111925013	
CAPÍTULO 4	26
O GÊNERO MEMÓRIAS COMO OBJETO DE ENSINO NO AMBIENTE DIGITAL	
Karla Simões de Andrade Lima Bertotti Sandra Maria de Lima Alves José Herbertt Neves Florencio	
DOI 10.22533/at.ed.7111925014	
CAPÍTULO 5	37
O JORNAL ESCOLAR COMO LUGAR DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÊNERO EDITORIAL	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Elisabeth Cavalcanti Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7111925015	
CAPÍTULO 6	47
O LETRAMENTO LITERÁRIO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DO GÊNERO POEMA	
Gildma Ferreira Galvão Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.7111925016	
CAPÍTULO 7	58
O <i>PAGADOR DE PROMESSAS</i> E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS	
Erenil Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7111925017	

CAPÍTULO 8	70
O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”	
Laís Gumier Schimith Priscila Paschoalino Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7111925018	
CAPÍTULO 9	86
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PROPOSTA DE SALA DE AULA TECNOLÓGICA INVERTIDA	
Antonia Maria Medeiros da Cruz Maria Ladjane dos Santos Pereira Silvânia Maria da Silva Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.7111925019	
CAPÍTULO 10	93
OS GESTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GÊNEROS DE TEXTO	
Ribamar Ferreira de Oliveira Gustavo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.71119250110	
CAPÍTULO 11	108
PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Jailine Mayara Sousa de Farias Barbara Cabral Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250111	
CAPÍTULO 12	119
POR QUE SER UM CLÁSSICO? – NOTAS EM ABISMO SOBRE “SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO”, DE ITALO CALVINO	
Patricia Gonçalves Tenório	
DOI 10.22533/at.ed.71119250112	
CAPÍTULO 13	129
POR UMA LINGUAGEM ÚNICA: A PICTOGRAFIA DE ANTONIN ARTAUD	
Jhony Adelio Skeika	
DOI 10.22533/at.ed.71119250113	
CAPÍTULO 14	146
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.71119250114	
CAPÍTULO 15	156
PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS	
Regina Barbosa da Costa Marli Tereza Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.71119250115	

CAPÍTULO 16	165
REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO	
Joanna de Azambuja Picoli Maria de Fátima Rocha Medina	
DOI 10.22533/at.ed.71119250116	
CAPÍTULO 17	176
ROSAURA, A ENJEITADA (1883): EFÍGIE OU ESFINGE DE BERNARDO GUIMARÃES?	
Marcus Caetano Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250117	
CAPÍTULO 18	191
SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE	
Ana Cristina Braga Barros Many Taiane Silva Ferreira Maria Rosa Gonçalves Barreiros Murilo Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250118	
CAPÍTULO 19	199
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A VOZ DE SUCESSO NA REVISTA CARTA CAPITAL	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.71119250119	
CAPÍTULO 20	214
VOZES MÚLTIPLAS NA CANÇÃO DE ITAMAR ASSUMPÇÃO	
Bruno César Ribeiro Barbosa Susana Souto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71119250120	
CAPÍTULO 21	226
“SUBA EM DIAGONAL, PARA A DIREITA, EM UM ÂNGULO OBTUSO, UNS 4CM”: DESCOMPARTIMENTANDO SABERES E HABILIDADES DE LEITURA EM MATEMÁTICA E EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Adriano de Souza Sônia Maria da Silva Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250121	
CAPÍTULO 22	238
A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA	
Renato dos Santos Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.71119250122	
CAPÍTULO 23	246
A PROSÓDIA DOS VOCATIVOS NO PORTUGUÊS DO LIBOLO EM FALA SEMIESPONTÂNEA	
Vinícius Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	258

SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE

Ana Cristina Braga Barros

Many Taiane Silva Ferreira

Maria Rosa Gonçalves Barreiros

Murilo Lima de Oliveira

Graduandos do curso de letras licenciatura sem Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará

RESUMO: Este trabalho apresenta um estudo descritivo sobre “A supressão da vogal /a/ inicial no falar Mocajubense”, como ocorre em palavras, como aqui > qui; assoalho > soalho; agente > genti; acontece > contece; aparece > parece, amanhece > manhece”. A verificação deste fenômeno bastante habitual na língua vernacular dos falantes do Município de Mocajuba/PA, objetiva observar os fatores linguísticos e não linguísticos que motivam a ocorrência desse apagamento inicial do fonema vocálico /a/ em início de vocábulos. E para isso, adotou-se os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1968), a qual prevê que não há variação aleatória e sim motivações linguísticas e sociais que favorecem a escolha de uma forma e não outra da língua. Logo, esta pesquisa associa traços linguísticos e sociais relacionados ao apagamento do fonema inicial

desses vocábulos. O *corpus* para análise foi constituído da fala espontânea de 4 (quatro) informantes, estratificados em: faixa etária (02 na faixa etária I - 25 à 40 anos; e 02 na faixa etária II - de 45 à 60 anos); sexo (02 Masculino; e 02 feminino. Sendo que todos os 04 (quatro) informantes são procedentes da zona urbana do município de Mocajuba-Pará. Como resultado, observamos que o apagamento não é a variante de maior frequência no falar mocajubense, pois apresentou percentual de uso de apenas 31,8%, enquanto a presença manifestou alto índice de uso 68,2%.¹

PALAVRA CHAVE: supressão da vogal baixa “a” Inicial; variação recorrente da fala; variável e variante.

1 | INTRODUÇÃO

Buscamos, com este trabalho, descrever um fenômeno bastante habitual no linguajar vernacular, dos falantes do Município de Mocajuba/PA, que é “a supressão da vogal /a/ inicial no falar Mocajubense”, como ocorre em palavras (aqui>qui; assoalho>soalho; agente>genti; acontece>contece; aparece>parece. Nossa pesquisa associa traços linguísticos e sociais ao fenômeno, que é

¹ Ensaio entregue a Faculdade de Linguagem, orientado pela professora Dr^a. Raquel Maria da Silva Costa como pré-requisito avaliativo da disciplina Sociolinguística.

o apagamento do fonema inicial desses vocábulos. Para isso, foi analisada e registrada a fala espontânea de 4 (quatro) informantes, estratificados em: faixa etária (02 na faixa etária I - 25 à 40 anos; e 02 na faixa etária II - de 45 à 60 anos); sexo (02 Masculino; e 02 feminino), conforme tabela 01. Sendo que todos os 04 (quatro) informantes, são procedentes da zona urbana do município de Mocajuba-Pará.

Faixa etárias	Sexo
25 a 40 Anos (2)	F
	M
45 a 60 anos (2)	F
	M
Total	04 informantes

Quadro 1. Amostra estratificada dos informantes em faixa etária e sexo

Fonte: Própria

A seleção dos informantes obedeceu a alguns critérios como: serem nascidos na cidade de Mocajuba/PA, não terem se ausentado da localidade por mais de 3 anos consecutivos, e possuir dentição completa. Este último critério torna-se relevante e impreterível nesta pesquisa, pois a variação em análise é de cunho fonético, portanto a pronúncia do fonema deveria ser o mais natural possível e a falta de dentição completa afetaria na articulação dos fonemas

Para a obtenção de dados linguísticos confiáveis e de uma fala natural e próxima do vernáculo, deixou-se sempre a vontade os informantes, para que não houvesse constrangimento e nem se sentissem pressionados diante do gravador, e assim garantimos que a gravação colhesse a fala natural de cada um.

Cada informante da pesquisa, para sua melhor identificação dos informantes GOLDVARB X, recebeu um código, elaborado a partir das características sociais individuais, como verificado na figura 02.

INF	Informante
MOC	Mocajuba
01,02,03...	Ordem
I, II,II ...	Faixa etária
M/F	

	Sexo
A/B/C/D	
	Escolaridade
ZU	
	Zona urbana
L	
Fonte própria	Entrevista livre

Figura 2 – Código dos informantes

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem humana sempre foi e ainda é motivo de curiosidade para o estudo das variações recorrentes da fala dos seres humanos, em todas as línguas vários estudos, pesquisas e experiências são feitas para se saber como surgiu em tempos passados ou como seria no futuro uma linguagem única, as pesquisas que se realizam sempre trazem novos olhares para as variações recorrentes de uma coisa tão natural que é a linguagem.

Considerado o pioneiro nos estudos referentes a língua/linguagem, Saussure (1916) apresenta através Curso de linguística geral, no início do século XX, um estudo que desencadeou todos os outros estudos referentes a linguagem, inaugurando assim a linguística moderna delimitando e definindo seu objeto de estudo e estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem. Saussure é um marco da corrente linguística denominada **estruturalismo**. Para a sustentação de seu estudo Saussure isola a língua da fala, podendo assim fundamentar seus estudos teóricos.

Nos anos de 1960 surge nos Estados Unidos uma corrente chamada **gerativismo**, o qual, Noam Chomsky segue a frente dessas pesquisas, e o que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais.

Tanto o estruturalismo como o gerativismo tratam a língua como uma estrutura, desvinculando-a dos fatores sociais, ou seja, estuda apenas seu esboço isolado, não levando em conta a influencias do meio social.

Surge então um opositor a essas duas correntes William Labov, com sua **Sociolinguística laboviana**, também chamada de “*Teoria da variação e mudança*” ou de “*Sociolinguística quantitativa*”, Coelho *et al* (2010, p. 16) leva em consideração o meio social como influência nas variações da língua, “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”.

E é neste contexto da Sociolinguística Variacionista que passamos ao estudo das variantes aqui apresentadas neste ensaio, pela fundamentação de Labov, em seus estudos, o qual passou a ter defensores de suas teorias, variantes e variáveis da

língua, como cita Mollica (2015, p. 10).

“O fenômeno da diversidade linguística é diferente do que entendemos por multilinguísmos. Um país pode conviver com mais de uma língua, é como é o caso do Brasil: somos polílingues, pois, além do português, há em nosso território, cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades ético-culturalmente diferenciadas, ... A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a Sociolinguística considerada a importância social da linguagem dos pequenos grupos socioculturais e das comunidades maiores.”

Para Mollica (2015, p.10), variante e variável de uma língua, são consideradas formas alternativas. ou seja, a variável de uma língua é o lugar na gramática em que se localiza a variação de uma forma mais abstrata, e a variante dessa variável, são as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável

“constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de uma forma linguística alternativa denominada variante. Entendemos então por variante as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”.

Geralmente a identificação de fenômenos linguísticos é atribuída a classe mais baixa da população, menos escolarizada, de renda inferior ou as classes com pouca informação social, gerando assim um preconceito linguístico referente aos grupos como desprestigiados de nossa sociedade, no que define Marcos Bagno (2015), em seu livro “preconceito Linguístico”.

“...ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 200 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.” (BAGNO, 2015, p. 26)

Sob o estudo da linguística sobrecarrega a incoerência, de alguns estudiosos, de não conhece-la, com taxativas aos linguistas, de quererem que todos falem “errado” como sujeitam os desinformados, não trata de impor mudança alguma, e sim de mostrar que a fala é dinâmica e que temos diferenças linguísticas, o que torna nossa diversidade mais rica, mostra que devemos respeitar as diversidades da língua e não apaga-la brutalmente como se tem feito.

“...Antes de empreender qualquer trabalho pedagógico, é necessário reconhecer e conhecer a realidade social linguística do público-alvo, para que se possa partir dela em direção a ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativa dos aprendizes.” (BAGNO, 2015, p 34)

“...Exatamente quero como Rodrigues, eu também desejo ardentemente que qualquer “menino do povo” possa “entender Drummond, adorar Drummond, odiar Drummond e um dia, quem sabe, superar Drummond”. Só não quero que isso seja

feito por meio de uma pedagogia repressora, autoritária, baseada numa concepção de língua arcaica, que trate a heterogeneidade linguística como um “mal social” que deve ser extirpado a todo custo.” (BAGNO, 2015, p 36)

Queremos aqui identificar um fenômeno comum em nosso município, não se tratando de “erro” e sim de variação que se dá na fala cotidiana e prazerosa de cada comunidade como vernácula, que acontece e de forma natural sem qualquer preocupação, por quem fala, de que se tenha ocorrido um “desacerto”, Fernando Tarallo (2007, p. 19) assim define a língua vernácula

...é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos nos nossos lares ao interagir com os demais membros das nossas famílias, é a língua usada nos botequins, clubes pequenos, rodas de amigos; nos corredores e pátio das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Uma linguagem descompromissada da norma padrão, a fala pura pelo prazer da comunicação do dia a dia, sem a cobrança de normas, tendo o objetivo de interação social, em que os entendimentos comunicativos se associam e são compreendidos pelo falante/ouvinte.

3 | ANÁLISE DOS DADOS

os dados da fala espontânea dos informantes que foram feitas de acordo com a faixa etária, tonicidade, gênero/sexo e de acordo com o fonema que sucede a vogal /a/, foi elaborada 05(cinco) tabelas para segmentação e cálculo de cada presença da vogal baixa/a/ e ausência da vogal baixa /a/, com resultados em números de variáveis ou não e sua porcentagem. O fenômeno que foi motivo desta pesquisa era a verificação de um alto índice de supressão da referida vogal no início dos vocábulos.

Mostraremos na primeira tabela que as variáveis dependentes da vogal baixa /a/, foram segmentadas em permanência e ausência, percebemos que houve mais a permanência do que sua ausência da vogal baixa /a/ no vocábulo Mocajubense, conforme os dados seguintes:

Variável dependente	Aplicação/Total de dados	Frequência/ Percentual
Apagamento da vogal baixa	27/85	31.8%
Permanência da vogal baixa	58/85	68.2%
Total de dados 85		

Tabela 1 – O apagamento da vogal baixa /a/ no início dos vocábulos no português falado na zona urbana de Mocajuba-PA.

Fonte: própria

Passamos a analisar a segunda tabela, observou-se a tonicidade em relação a vogal /a/ no início do vocábulo, constatamos que quando a vogal /a/ for átona, sua supressão é em maior grau, e quando ela apresenta-se como tônica não ocorreu a supressão da mesma, o que nos leva a considerar, que quando /a/ forônico no início de palavras seu apagamento é mínimo como mostram os dados expostos na tabela 2

A atuação da Tonicidade	Aplicação/Total de dados	Frequência/ Percentual
Vogal tônica /a/ do vocábulo	0/16	00%
Vogal átona /a/ do vocábulo	27/69	39.1%
Total de dados 85		

Tabela 2 – Tonicidade no português falado na zona urbana de Mocajuba-PA.

Fonte: própria

Quanto a importância do fonema consonantal que sucede a vogal /a/, constatou-se que nos fonemas nasais que sucedem esta vogal tais como (m, n nh), não apresentaram a ocorrência de supressão, porém quando a mesma vogal antecede as vogais africadas (f, v, s, z, ch, j, r) ou oclusivas (p, t, c, b, d, g), o fenômeno é acentuado em maior grau de ocorrência, principalmente antes das africadas que apresentaram percentual mais elevado do que as oclusivas.

Fonema que sucede a vogal /a/	Aplicação/Total de dados	Frequência/ Percentual
Nasal (m, n nh)	0/17	00%
Fricativa/africada (f, v, s, z, ch, j, r)	16/24	66.7%
Oclusiva (p, t, c, b, d, g)	11/44	25.0 %
Total de dados 85		

Tabela 3 – A importância do fonema que sucede a vogal /a/ no português falado na zona urbana de Mocajuba-PA.

Fonte: própria

Com relação a faixa etária dos informantes do grupo I, de idade inferior a 40 anos em relação aos informantes do grupo II acima de 45, pudemos notar que os informantes de maior idade tiveram maior índice de apagamento da vogal inicial /a/ do que o grupo II o que veremos da tabela 4.

Faixa etária	Aplicação/Total de dados	Frequência/ Percentual
25 a 40 anos	10/47	21.3%
45 à 60 anos	17/38	44.7%
Total de dados 85		

Tabela 4 – A faixa etária na flexão de número no português falado em Mocajuba-PA.

Fonte: própria

Passamos então a última análise que foi considerada, relacionada ao gênero dos informantes em que pudemos verificar que o maior índice de ocorrências apresenta-se em relação ao sexo masculino, mostrando que os homens tendem a apagar mais o /a/ do início dos vocábulos

Gênero	Aplicação/Total de dados	Frequência/ Percentual
Masculino	18/49	36.7%
Feminino	09/36	25%
Total de dados 85		

Tabela 5– O sexo/gênero no português falado em Mocajuba-PA.

Fonte: própria

Nossa pesquisa mostrou que o /a/ baixo inicial dos vocábulos em sua maioria tende a permanecer, e que em algumas ocorrências devido a tonicidade seu apagamento ocorre com mais frequência, porém, há alguns casos que merecem um estudo mais aprofundado, como o de outros fatores sociais que aqui não foram apresentado, por exemplo, renda, escolaridade, bairro etc... para que se possa ter uma eficácia mais precisa. A análise revelou que há realmente maior índice de permanência da vogal /a/ no entanto há nessa nesse estudo uma palavra que merece destaque que é “agente”, em que o /a/ deste vocábulo apaga frequentemente na fala espontânea.

4 | CONCLUSÃO

Completando a pesquisa em relação ao apagamento da vogal baixa /a/ no falar urbano dos Mocajubense, levantamos a questão de que haveria um maior índice de apagamentos relacionado a esta vogal, no entanto os resultados apontaram o contrário, que há elevada permanência de 68,2% contra apenas 31,8% de ausência da referida vogal.

Trazemos Tarallo (2007, p. 63) para mostrar que direção os resultados da análise das variantes podem apontar, “... apontam, de maneira geral para duas direções distintas: 1. a estabilidade das adversárias, ... 2. A mudança em progresso”, as

variantes sempre disputam e duelam entre elas, uma seguindo a norma padrão e a outra a não padrão, vence a que resistir em maior grau o tempo e o espaço que ela passa a ocupar na sociedade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos – **Preconceito linguístico** – 56ª ed revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015

COELHO, Izete Lehmkuhl ... [et al.] - **Sociolinguística** – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.172 p.

MOLICA, Maria Cecília, Maria Luzia Braga*(org.)- **Introdução a sociolinguística, o tratamento da variação**- 4 ed.3ª reimpressão- são Paulo: Contexto, 2015

TARALLO, Fernando – **Pesquisa sociolinguística** – 8ª ed – São Paulo: Ática, 2007, 96p. – (Princípios; 9)

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-071-1



9 788572 470711